

SENTIDOS DO HABITAR

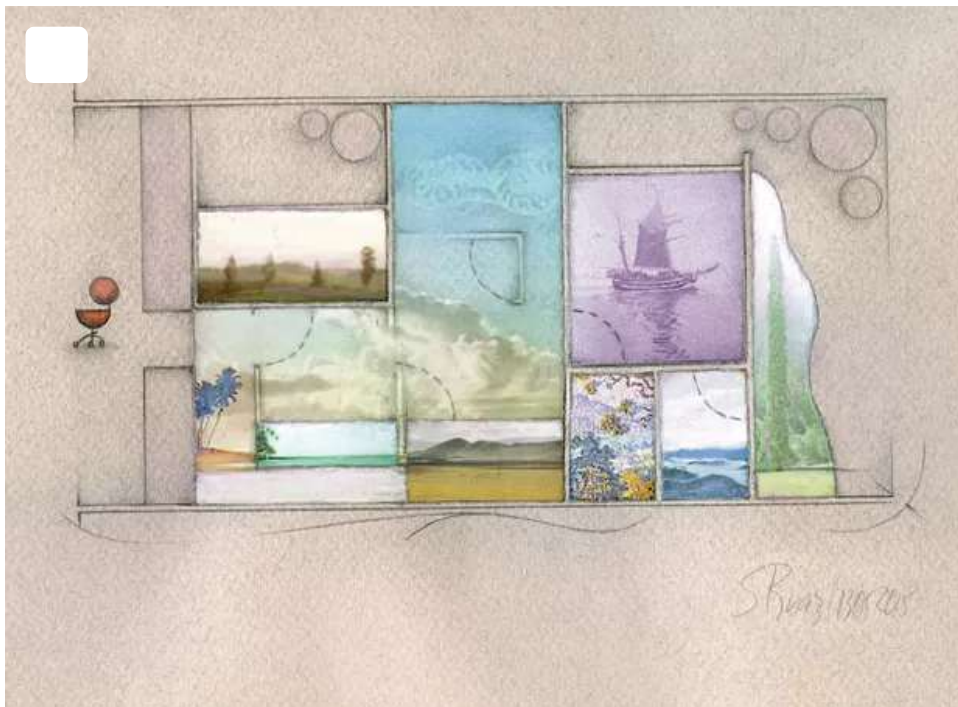
Novo normal? Semioticista comenta sobre o que mudou com a pandemia

A professora Clotilde Perez, colunista de Casa e Jardim, comenta sobre as mudanças que enfrentamos nesse período de quarentena e reflete sobre o que se manterá e o que vai mudar “pós pandemia”

3 min de leitura

Por Clotilde Perez

13 Mai 2020 - 07h05 Atualizado em 19 Mai 2020 - 19h24



Terapia da casa | Semioticista comenta sobre o que mudou com a pandemia (Foto: Ilustração Sirio Braz/Editora Globo)

Passar noite e dia dentro de casa, dia após dia, transformando o lar em local de trabalho, **estudo**, lazer, ginástica, **restaurante**..., não é nada normal. Nossas casas não estavam preparadas para tamanho encargo e as adaptações foram feitas no improviso nervoso que a situação impunha. **Crianças**sem ir à **escola**, pais que saem para

trabalhar correndo risco de contaminação, pais que ficam em casa porque perderam seus empregos, pais e mães exaustos porque estão em **home office** e adicionaram todo o trabalho doméstico à sua rotina. Isso não é normal.

Passar álcool 70 em embalagens ou dar banhos nos produtos que chegam de fora ou ainda colocar no sol para eliminar o risco de contaminação. Isto está bem longe do normal. Trabalhar horas diante de telas, reuniões sem fim mediadas pelos softwares de videoconferência, apresentações de projetos sem a menor condição de que sirvam para alguma coisa, também não é normal. Encontrar familiares e amigos sem abraçá-los, contentando-se com suas imagens nem sempre nítidas e vozes entrecortadas ao embalo das oscilações da **internet**, não, isso não é normal. Estarrecer-se com a publicidade demagoga e empresários desumanos e oportunistas, ofertas de produtos que não iremos usar e que perderam o sentido, nem de longe isso é normal.

PUBLICIDADE

Aguardar atentamente as informações diárias sobre como a **pandemia** avança no mundo, países mais atingidos, políticas públicas adotadas, reações sociais mundo a fora... No Brasil, quantos contaminados, quantos internados, quantos mortos. Ler sobre as formas de contaminação, aprender a usar máscara, luvas, **álcool gel**, incorporar a **lavagem obsessiva das mãos**, isso não é normal. Acompanhar a esquizofrenia do discurso público, saber quem caiu e quem assumiu, fazer **isolamento social** e acreditar na ciência ou na #brasilnãopodeparar? O normal está bem longe. **Hospitais** de campanha, containers frigoríficos, covas e enterros coletivos, caixões e túmulos, o convívio com a realidade e a estética da morte diariamente, isso, definitivamente, não é normal. Esperar, sem saber bem o quê e quando, não pode ser normal.

SAIBA MAIS



Vivemos relações intensas com o lar em tempos de isolamento social

Normal é um atributo para o que é regular, usual, que vai acontecendo sem esforço. Também se conecta com o que é comum e rotineiro. Mas, a associação mais significativa e compreensível é que comum é o que é natural, inerente e próprio. Desde quando estar isolado, impedido de contato físico, sem saber o que pode acontecer e com medo de adoecer e morrer é natural? Estamos em plena contingência, na exceção e na pressão. Não estamos vivendo um novo normal. Pulsa o desejo de retorno a nossa condição anterior, quiçá não em sua totalidade, mas a vida no encontro com o outro, no trabalho, no estudo, na mobilidade própria da contemporaneidade.

A reflexão sobre o que se manterá e o que vai mudar “pós pandemia”, ainda que esse “pós” esteja completamente impreciso, é pertinente. Quais comportamentos e valores ficarão? Será mesmo que retomaremos a valorização das ciências, das universidades de pesquisa e do Estado na sua face humana e competente, como o SUS, por exemplo? Voltaremos a crer nas institucionais tradicionais de mídia, com sua história e valorização da informação fundamentada e crível e desconfiaremos das frágeis redes de whatsapp e assemelhados com a enxurrada de fakenews nefastas e mensagens para o riso idiotizado? Talvez tenhamos um “novo normal”, mas para isso deveríamos estar construindo esse caminho, no entanto, estamos tomados pelo medo do vírus e pelo medo de não ter emprego. O medo paralisa e no máximo nos faz querer o que perdemos, e isso “já é muito”. Novo normal, bem longe disso.



Clotilde Perez (Foto: Divulgação)

Clotilde Perez (cloperez@terra.com.br) é semioticista, professora da USP e da PUC-SP, e fundadora da Casa Semio.